

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O Orixá Ogum e os Filhos de Fé: devoções, mudanças e permanências nas manifestações ritualísticas na Umbanda douradense de 1970 a 2000

Joseph Espíndola¹

Resumo: Este trabalho tem um caráter exploratório e objetiva evidenciar o desenvolvimento de um projeto de pesquisa que busca analisar as relações de fé estabelecidas entre a divindade africana Ogum e os praticantes da religião de matriz africana Umbanda, conhecidos como umbandistas ou como “filhos de fé”. As formas e características dessas devoções e ainda as contribuições ou implicações destas relações na construção do processo histórico, junto a comunidade envolvente a que os partícipes da religião em questão se encontram inseridos. O trabalho busca também evidenciar alguns aspectos já analisados com relação as permanências e mudanças nas manifestações ritualísticas da divindade Ogum, o conjunto de elementos que cercam, permeiam e cerceiam essas representações e seu papel na construção das identidade dos devotos de Ogum.

Palavras-Chave: umbanda – devoções - Ogum

Abstract: This is an explanatory and objective study which aims to provide evidence for the development of a research project that tries to analyse the faith relations established between the African divinity Ogún and the followers of the African matrix umbanda. They are known as umbandistas or as filhos de fé. The forms and characteristics of these devotions and even the contributions or implications of such relations in the development of the historical process along with the involved community to which the followers of this religion are linked are inserted in this research. This study also tries to evidence (1) some aspects already analysed as far as the permanences and changes in the ritualistic manifestations of the Ogún divinity are concerned, and (2) the set of elements which involve, surround and interpose these representations and their role in the forming of the Ogún devotees' identity.

Key words: umbanda, devotions, Ogún

O OBJETO.

As relações entre os humanos e as divindades, bem como as implicações na organização das sociedades, principalmente no aspecto sócio-cultural, desde longa data têm sido objeto de análise, tanto empírica quanto científica.

O delineamento do objeto desta pesquisa se evidencia a partir da busca de elementos que possibilitem uma reflexão crítica, realizadas à luz de procedimentos teórico-

¹ Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, Aluno do Programa de Pós Graduação – Mestrado em História, bolsista da FUNDECT.

metodológicos de três disciplinas; da História, da Sociologia e da Antropologia, ou seja, interdisciplinar. O que tem contribuído para uma compreensão mais ampla do objeto estudado, objeto este que em outros termos, e quando não no documento acadêmico se materializa nas práticas ritualísticas dos terreiros de umbanda da cidade de Dourados.

De uma forma ainda mais amiúde, esta pesquisa se preocupa da análise e compreensão das cantigas dedicadas ao orixá Ogum, das festas a ele *devocionadas*, que sempre regadas a muita cerveja e vinho branco, trazem o axé e a renovação da fé nos *filhos* deste *santo*, na forma de ser devoto a São Jorge ou a Ogum, as compreensões do sincretismo manifesto nesta relação do santo católico com o orixá africano, quem é quem na fé do devoto, quem é este devoto e o porque desta devoção.

E para completar o delineamento do objeto, considero importante as mudanças e permanências nas formas e aspectos das manifestações desta divindade, as contribuições culturais geradas ou desenvolvidas a partir das práticas ritualísticas das manifestações da divindade Ogum, o espaço de representações e ainda a profundidade dessas representações, na organização do processo histórico a que esta inserido.

A importância de se analisar um determinado objeto sob um conjunto interdisciplinar de metodologias e procedimento, é o fato de haver a possibilidade de se ter a compreensão de uma forma mais global de cada momento, de cada nuance ou aspecto. Que se analisado por um único prisma, talvez ocultasse detalhes importantes para a compreensão de um determinado evento, ou pior, a adoção de posicionamentos unilaterais com relação a tais detalhes.

O estudo das relações entre o Orixá Ogum e os “filhos de fé”, a priori não se trata de apenas uma análise da religião em si, ou mesmo das relações internas ao grupo religioso, trata-se entretanto de um estudo das relações estabelecidas entre os umbandistas e a construção cosmológica, relações sociais, culturais e econômicas, tanto endógenas quanto exógenas.

Para análise dos aspectos acima expostos, estabeleci um recorte temporal que se inicia em meados do séc XX e termina com o último quartel deste mesmo século, embora o estabelecimento de um fim deste recorte seja um tanto penoso, uma vez que pretendo analisar permanências, e permanências são e devem ser analisadas e identificadas na atualidade. O que dolorosamente fere o caráter diacrônico da investigação histórica, entretanto penso que realizar uma análise diferente não teria a mesma contribuição para o conhecimento e compreensão do objeto, conforme observa Magalhães.

A urdidura e a trama têm permanências que não são permanências, continuidades que não são continuidades, porque são latências; pois o passado, não é mantido, é transformado, porque revela a possível realização de apelos negligenciados do passado, caso consigamos captá-los. “Esses apelos ainda podem se perder se não forem lidos ou percebidos nas linhas do atual”. (MAGALHÃES, 2002: 78)

Além do recorte temporal, busquei estabelecer uma delimitação geográfica e espacial, utilizando nesta “de-limitação” o conceito adotado por Cássio Hissá, *Uma reflexão sobre limite é também uma reflexão sobre o poder*, (Hissá, 2002:00). a definição de uma espacialidade portanto, ficou definida como a cidade de Dourados-MS. Entretanto, é necessário esclarecer que as relações estudadas pelo projeto de pesquisa em questão, não se delimitam fisicamente a na cidade de Dourados, pois existem festas e eventos que acontecem na cidade vizinha, Fátima do Sul, e em outras da adjacência, que expressa uma forte presença de participantes oriundos dos terreiros de Dourados. Na fala de um umbandista podemos compreender tais fatos, “macumbeiro é danado, não pode ouvir falar que vai ter uma macumbinha que lá tá o bicho, sorte do povo que só tem trabalho na sexta-feira, que se tivesse todo dia, todo dia ele ia no batuque. Da chuva, dá sereno, dá geada, mas o bicho ta lá, as vezes o pé parece que vai congelar...”

A umbanda por muito tempo foi duramente reprimida pela policia, repressão esta que conforme Sá Júnior apresenta em sua dissertação de mestrado, se enrijece a partir da constituição de 1937, e do Código Penal de 1940, que prevê pena para a prática do “baixo espiritismo”. É uma religião que teve a liberdade de culto garantida somente com a constituição de 1988, juntamente com todas as outras religiões de matriz africana. Na cidade de Dourados a umbanda surge na década de 60 do Séc. XX, segundo a Sra Lourdes – 78 anos (Dona Lurdinha do Girassol), um dos primeiros terreiros de umbanda de Dourados foi o da Dona Maria Boiadeira – Tenda da Cabocla Iara², assentado pelos idos de 1960. Dona Vaní 59 anos, lembra desse terreiro com o seguinte comentário

“naquele tempo o povo dava umas festas boas pra Ogum, muita cerveja, carne assada, varava o dia. No terreiro da Dona Maria Boiadeira vinha uns Ogum brabo, brabo que chegava ronca, e não era pouco não, quatro cinco Ogum cuma vez só, se tivesse com o quengo³ fraco ficava com medo mesmo, Ogum brabo menino, cê nunca viu!”.

Dos aspectos que o projeto se propõe a discutir, o que toma um melhor delineamento a luz das pesquisas realizadas, é a identificação da entidade Ogum, portanto neste texto que se pretende realizar a apresentação do estado em que se encontram os estudos

² Fechado na década de 90 do século XX.

³ Maneira de se referir a “cabeça”. Exemplo: *Firmar o quengo*, é equivalente a firmar o pensamento, pensamento positivo.

propostos, considero importante que me atenha em considerações que evidenciem a profundidade das investigações.

QUEM É O ORIXÁ OGUM NA UMBANDA?

Em um primeiro aspecto e de uma forma muito simplificada a resposta a essa pergunta seria, Ogum é São Jorge! Entretanto essa afirmação está muito mais carregada de valor simbólico do que aparenta, afinal quem é Ogum antes mesmo de ser o São Jorge na Umbanda. É a Pierre Fatumbi Verger que recorro para apresentar o terceiro Orixá do sagrado panteão iorubano.

Ogum, como personagem histórico, teria sido o mais velho filho de Aduduá, o fundador de Ifê. Era um terrível guerreiro que brigava sem cessar contra todos os reinos vizinhos (...) apossou-se da cidade de Ire, matou o rei, e aí instalou seu próprio filho no trono e regressou glorioso, usando ele mesmo o título de Onirê, Rei de Ire (...) Ogum lamentou seus atos de violência e declarou que já vivera bastante. Baixou a ponta de seu sabre em direção ao chão e desapareceu pela terra adentro com uma barulheira assustadora, antes de desaparecer, entretanto, ele pronunciou algumas palavras. A essas palavras, ditas durante uma batalha, Ogum aparece imediatamente em socorro daquele que evocou. Porém elas não podem ser usadas em outras circunstâncias, pois, se não encontra inimigos diante de si, é sobre o imprudente que Ogum se lançará. Como Orixá, Ogum é o deus do ferro, dos ferreiros e todos aqueles que utilizam esse metal: agricultores, caçadores, açougueiros, barbeiros, marceneiros, carpinteiros e escultores (VERGER, 1981: 86-87)

É evidente que o próprio processo histórico do culto á Ogum em terras americanas e posteriormente brasileiras, foram dando a essa divindade características específicas e peculiares de modo que pudesse responder as necessidades de seus devotos, e “filhos”, diante das diferentes demandas encontradas ao decorrer dos anos e séculos que nos separam desde a origem do mito divino de Ogum, ou mesmo das práticas relacionadas ao referido orixá em sua terra de origem. É lógico também, que objetivo desta pesquisa nem é a busca por uma originalidade ou de uma forma correta de cultuar o orixá, até mesmo porque a umbanda é em sua gênese uma religião sincrética, e é nesse sincretismo que o orixá que é tido como o protetor da umbanda. Segundo uma entidade⁴ em uma gira de Baiano, Ogum é importante para a Umbanda porque é o protetor da religião, “quando Ogum vem no terreiro, ele vem de ronda, tira as quizila⁵ que esse povo de zóio gordo vem bota aí no lado de fora... ele vem faz a ronda e segue em seu cavalo pra Aruanda⁶”.

A relação São Jorge e Ogum dentro de um processo sincrético vai além de estabelecer alguns paralelos que poderiam justificar a adoção do santo católico para a

⁴ Espíritos desencarnados e que se manifestam nos cultos de possessão da umbanda, neste caso o Sr. Mané Baiano.

⁵ Mesmo que intriga, problemas trazidos por pessoas por vezes mau intencionadas.

⁶ Espaço Mítico (Orum = céu).

representação da divindade africana, como por exemplo o fato dos dois serem guerreiros, dos dois serem defensores da fé, com características de virilidade e de combatividade. Entretanto podemos dizer que as características param por aí. Isso porque na umbanda douradense, a imagem do legionário romano Jorge da Capadócia, montado sobre um corcel, com sua linda capa matando um dragão verde, que para o cristianismo católico representa a proteção da fé, destoa sobremaneira ao guerreiro africano, envolto em palha de *mariwo*, com uma semitara na mão, besuntado de sangue e areia, após ter participado de um combate. O São Jorge é branco, plasticamente aceito como belo para os padrões ocidentais, entretanto o Ogum é negro, discriminado, vítima do racismo a *lá brasileira*. Se em um primeiro momento não pode ter sua representação física apresentada aos fieis porque a polícia perseguia, agora não pode ser exposto porque será vinculado ao lado feio da cultura negra, que deve ser negado legado aos quartinhos de assentamento dos terreiros. Seria injusto dizer que isso se dá apenas como a representação do orixá Ogum, tal fato se dá com todos os orixás. Alguns fieis se chocam quando descobre que Ogum é negro, pois na sua devoção Ogum é São Jorge, o branco e não o negro, o negro é o Exu.

AS MANIFESTAÇÕES.

O Orixá Ogum, a exemplo de outros orixás, só se manifesta em um terreiro de Umbanda, em situações muito especiais. Essas manifestações são sempre um evento importante para todos os partícipes presentes na ocasião, entretanto é visivelmente muito mais importante para os devotos da divindade, que apresentam uma maior animosidade e entusiasmo quando se encontram diante da presença de seu santo de devoção, que se dá principalmente sob diversas circunstâncias. A primeira é quando o orixá é chamado, nesta, normalmente o oficiante do culto informa o motivo de pelo qual será invocada a presença da divindade, escolhe o médium que vai *virar no santo* e inicia o entoamento de uma série de cantigas que invocam a presença da divindade, que quase sempre, salvo situações muito específicas, incorpora no médium, sendo recebido com muita reverência e devoção, afinal, é o próprio deus que está aí manifesto. A segunda maneira se dá quando a manifestação do orixá não é conduzida ou controlada pelo oficiante. Na explicação do Sr Lourival, dirigente de um terreiro de umbanda, isso acontece quando o orixá sente que alguma coisa está ameaçando o terreiro, ou quando o médium, ou outro integrante do grupo está precisando de uma intervenção direta da divindade, nesses casos a divindade se apresenta quase sempre sem manifestar nenhum sinal prévio, e toma a maioria dos partícipes de surpresa, fato que não diminui o entusiasmo no recebimento do orixá em terra.

Ao analisar as fontes, que são em sua maioria fotografias captadas e conservadas pelos umbandistas, entrevistas e mesmo fragmentos de diálogos colhido a partir da convivência entre os Filhos de Fé, pude identificar inicialmente, uma sensível mudança na plasticidade das manifestações ritualísticas. A partir da análise das fontes nota-se que durante as manifestações do orixá Ogum, a divindade era paramentada com indumentárias e instrumentos característicos, por exemplo: Quando esta se manifestava, era saudada, dava uma volta no terreiro realizando uma dança característica de saudação, em seguida era vertido por pessoas com funções específicas no ritual, a divindade recebia um capacete, uma espada cerimonial, um pano de costa, normalmente vermelho, que sobre a roupa branca, caracteristicamente utilizada nas cerimônias de umbanda, representam a paz e a guerra. Em seguida eram cantadas cantigas que obedeciam uma trajetória ritual; saudação *ronda* e subida, em seguida era a divindade recolhida em um cômodo específico chamado de *runcó* ou camarim onde *desvirava*. Este ritual tem se tornado cada dia menos pomposo, atualmente na maioria das vezes, as manifestação de Ogum, se dão de uma forma muito simples a entidade se apresenta, é saudada com a mesma reverencia que em outros tempo, dança em saudação, não é mais paramentada, nem o ritual seqüenciado por pontos característicos se dá mais, embora possa ainda ser identificada as fases do ritual, chegada, ronda e subida. Embora cada dia a ordem das cantigas tenha se tornado mais aleatória.

CONSIDERAÇÕES

Alem das análises aqui apresentadas, um fato que gostaria de aqui apresentar, como consideração apenas, são as implicações do processo de mudança e permanência na construção da identidade dos devotos de Ogum. Estes devotos em sua maioria homens, apesar de uma evidente mudança no ritual de manifestação da entidade, o surgimento de tecnologias que distanciam a cada dia o homem pós moderno do campo, dos trabalhos braçais, e portanto distanciando aparentemente o homem das necessidades de devoção. Nota-se que apesar disso, a fé em Ogum como deus da virilidade, da conquista amorosa e do sucesso profissional tem se tornado mais nítida, considero que tal fato tem se dá porque existe uma mudança no rol de necessidades, e a divindade Ogum, tem, pelo menos a esses devotos, dado respostas para estas necessidades atuais.

As observações aqui apresentadas evidenciam apenas o inicio de uma busca, é óbvio que está pesquisa está ainda em sua fase inicial, ainda são necessárias análises, cruzamentos de fontes que estão sendo levantadas e leituras que estão sendo realizadas. A

compreensão na certa será muito mais fácil quando este pesquisador beber um pouco mais do vinho da ciência e da cerveja do axé de Ogum, e esta pesquisa estiver mais bem delineada.

BIBLIOGRAFIA

- BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: Livraria Pioneira, Editora da USP, 1971.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. ORTIZ, Renato (org.). São Paulo: Ática, 1983.
- BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Novas perspectivas/UNESP, 1992
- CAMARCK, R. M. *Etnohistoria y teoria antropológica*. Guatemala: Ministério de Educación. 1979.
- CASALI, Rodrigo, *Quando os baianos se pintaram de Dourado(s): aspectos das práticas religiosas Umbandistas da cidade de Dourados MS*. Dissertação de mestrado (Programa de mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados – MS, 2006.
- ESPÍNDOLA, Joseph. *Caderno de campo, Dourados-MS*, 2006.
- LEITE, Eudes Fernando, *Marchas da História: comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal*. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Campo Grande: MS Ed. UFMS, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora UNICAMP, 1993
- LODY, RAUL - *O povo do Santo religião, história e cultura dos Orixás, Voduns, Inquices e Caboclos*. 2ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006 Raízes.
- MAGALHÃES, N. A. *História Oral*. São Paulo: ABHO. 2002.
- MOTTA, Roberto (org.). *Os Afro-brasileiros: Anais do III Congresso Afro-Brasileiro*. Recife: Massangana, 1985.
- ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PEREIRA de QUEIROZ, Maria Isaura. "Nostalgia do outro e do alhures". In: Roger Bastide. São Paulo: Ática, 1983.
- PIERUCCI, Antônio Flávio & Prandi, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PINTO, Roquette (org.). *Estudos Afro-Brasileiros*. Rio de Janeiro: Ariel, 1935.
- PORDEUS JR., Ismael. *Lisboa de Caso com a Umbanda*. Trabalho apresentado no GT Religião e Sociedade, no XIX Encontro Anual da Anpocs. São Paulo: Anpocs, 1995.
- PORTUGAL, Fernandes, *Curso de cultura religiosa afro-brasileira*, Ed Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1988.
- PRANDI, Reginaldo. *Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu*. Revista Usp, São Paulo: nº. 50, p. 46-65, 2001.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
- SÁ JUNIOR, Mario Teixeira, *A Invenção da Alva Nação Umbandista: a relação entre a produção historiográfica brasileira e a sua influencia na produção dos intelectuais da Umbanda (1840 – 1960)*. Dourados, MS: Dissertação de Mestrado - UFMS, CPDO, 2004.
- SILVA, Vagner G. – "Religiões afro-brasileiras. Construção e legitimação de um campo do saber acadêmico (1900-1960)". In: Revista USP. São Paulo: USP/CCS, n.55, 2002.
- SILVA, Glacie Loureiro da. *O nordestino em Dourados*. Monografia (Especialização em Geografia) – UFMS/Dourados, MS, 2000.
- THOMPSON, P. *História Oral e Contemporaneidade*. In: História Oral. São Paulo: ABHO. No. 5, junho 2002.
- VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*, São Paulo: Nacional 1955.

VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 1981

VIEIRA. M. P. A, PEIXOTO. M.R. C. P & KHOURY. Y. M. A. *A pesquisa em História*. São Paulo: Atica 1991.